

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

DISCURSOS RELIGIOSOS COMO FERRAMENTA DE COMBATE OU APOIO
À VIOLÊNCIA CONJUGAL ENTRE HOMENS AGRESSORES

BOLSISTA: Rebecca Nunes de Assis, FAPEAM

MANAUS
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0150/2012

DISCURSOS RELIGIOSOS COMO FERRAMENTA DE COMBATE OU APOIO
À VIOLÊNCIA CONJUGAL ENTRE HOMENS AGRESSORES

Bolsista: Rebecca Nunes de Assis, FAPEAM.

Orientadora Proponente: Prof. Dr^a Kátia Neves Lenz César de oliveira

Orientadora Atual: Prof^a. Dr^a. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa.

MANAUS
2013

Todos os direitos deste relatório são reservados a Universidade Federal do Amazonas, ao Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário, do Departamento de Psicologia e aos seus autores.

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas, FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, desenvolvida pelo Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário, na linha de Atenção a indivíduos, grupos e populações vulneráveis, do Departamento de Psicologia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem ele, eu nada seria.

A minha família, minha mãe e avó que despertaram em mim, a curiosidade e me apoiaram nos momentos mais difíceis desta produção e de toda minha vida. Vocês são meu suporte e minha força para seguir em frente.

A minha (nossa) querida e saudosa Dra. Kátia Lenz, que deu início a esta pesquisa e infelizmente não pode vê-la pronta. Só estamos aqui hoje graças (e inspirados) por você, e particularmente só posso agradecer pelo tempo (apesar de curto) de convivência. Saiba que sua sementinha foi plantada e está sendo cuidada com muito carinho por nós.

A Dra. Cláudia Sampaio que me guiou quando estava totalmente perdida e me deu um norte e suporte quando achei que não fosse conseguir dar conta do trabalho, e que me fez respirar fundo e controlar um tanto das minhas inquietações acadêmicas.

Ao Orlando, pela força e apoio nas horas difíceis e pela ajuda, com seu olhar tão rico, nas questões de religiosidade.

As amigas “pibiquianas” Priscilla, Isadora e Juliana, que embarcaram nessa montanha russa chamada “iniciação científica”. Conseguimos, meninas!

RESUMO

A violência contra a mulher conjugal atualmente é vista como uma questão de saúde pública, atingindo aos cônjuges e demais familiares. A maior parte da literatura sobre o tema observa o fenômeno pela ótica da agredida, sendo poucos os estudos voltados ao agressor. Há pouquíssimas propostas ainda no sentido de analisar o papel da religião na promoção da violência e menos ainda no combate a ela, ou mesmo relacionando o trinômio violência, gênero e religiosidade. Assim, objetivou-se rever narrativas de homens autores de violência conjugal produzidas em uma pesquisa que investigou suas descrições e explicações sobre seus problemas, para levantar hipóteses quanto a relações entre o discurso e/ou a vivência religiosa e as atitudes de combate ou justificação da própria violência. Especificamente se pretende: a) levantar hipóteses sobre como o discurso religioso ajuda a promover uma identificação de gênero por parte dos homens dentro de seu arranjo conjugal, e como esta se articula a promoção/justificação ou combate à violência conjugal; b) inferir, para além das discussões de gênero, como a religiosidade dos homens autores de violência conjugal atua na promoção ou inibição de posicionamentos violentos deles; c) criar novas perguntas de pesquisa e perguntas de entrevista, a serem utilizadas em novas pesquisas, que investiguem a relação entre religião e a promoção ou combate a violência conjugal por parte dos homens. A metodologia consistiu em uma pesquisa qualitativa, dentro de uma perspectiva sócio-histórica, utilizando-se como grupo amostral, 14 homens entrevistados pela Dra. Kátia Lenz C. de Oliveira para sua tese de título “Discurso(s) de homens em conjugalidade violenta: uma análise sócio-antropológica sob a referência da ética da serenidade”, desta vez analisando as manifestações que remetem à vivência religiosa dos entrevistados. O material de análise foi obtido entre 2007 e 2008 por meio de entrevistas com homens, selecionados em função de denúncia em delegacias e/ou terem se submetido a atendimento psicológico em virtude de vivência conjugal violenta. Os procedimentos metodológicos foram devidamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da

UFAM por ocasião da pesquisa original, sendo sua responsável a mesma proponente do presente estudo, autorizando, portanto, seu uso para os fins aqui explicitados. Observou-se que em suas falas, os homens integram variados temas, aprofundando as manifestações em suas histórias de vida, percepções quanto aos papéis de gênero e violência. Destaca-se que, apesar de não ser o enfoque das entrevistas realizadas, apreende-se nas falas dos entrevistados os conteúdos referentes a religiosidade, bem como, relacionando tal conceito com as discussões de gênero propostas. Visualizou-se que a questão religiosa pode ser entendida como uma ferramenta de combate ou de apoio a violência cometida, sendo destacado nas falas dos homens, citações referentes ao processo de conversão religiosa, que oportunizaria a mudança do *ethos* do sujeito, mudando sua posição quanto ao papel da mulher nas relações familiares. Ressalta-se ainda que questões religiosas foram utilizadas diretamente para fundamentar o papel feminino na conjugalidade, sendo definida como em posição de inferioridade frente ao homem nos momentos em que este utilizava-se do recurso religioso como embasamento ao seu posicionamento.

Palavras chave: Violência conjugal, discurso religioso, discussão de gênero.

ABSTRACT

Violence against women marriage is currently seen as a public health issue, affecting spouses and other family members. Most of the literature on the subject observes the phenomenon from the perspective of battered, with few studies aimed at the aggressor. There are still very few proposals in order to analyze the role of religion in promoting violence and even less to fight it, or even relating the triad violence, gender and religion. The objective was to review the narratives of perpetrators of domestic violence produced in a study that examined their descriptions and explanations about their problems, to make hypotheses about the relationship between speech and / or religious experience and attitudes of combat or justification own violence. Specifically it aims to: a) develop hypotheses about how the religious discourse helps to promote a gender identification by men within their marital arrangement, and how it articulates the promotion / justification or combating domestic violence, b) inferred to beyond discussions of gender, how religious men perpetrators of domestic violence acts in promoting or inhibiting their violent mates c) create new research questions and interview questions, to be used in further research to investigate the relationship between religion and promoting or combating domestic violence by men. The methodology consisted of a qualitative research within a socio-historical perspective, using as a sample group, 14 men interviewed by Dr. Katia C. Lenz de Oliveira for his thesis entitled "Discourse (s) of men in marital violence: a socio-anthropological under reference ethics Serenity", this time analyzing the events that lead to the religious experience of the respondents. The material for analysis was obtained between 2007 and 2008 by means of interviews with men, selected on the basis of the complaint in police and / or have undergone psychological treatment due to experiencing marital violence. The methodological procedures were duly approved by the Ethics in Research UFAM during the original research, the same being a responsible bidder of this study,

allowing thus its use for the purposes explained here. It was observed that in their speeches, the men integrate different subjects, deepening the events in their life histories, perceptions regarding gender roles and violence. It is noteworthy that, although not the focus of the interviews, seizes on the interviewees' statements regarding the contents religiosity, as well as relating this concept with discussions of gender proposals. Envisioned that the religious question can be understood as a tool to combat or support violence committed, being highlighted in the speech of men, quotes relating to the process of religious conversion, which oportunizaria change the ethos of the subject, changing its position the role of women in family relationships. It is noteworthy that religious issues were directly used to support the female role in the conjugal, defined as inferior position in front of the man at times when this is used as a basis of religious resort to its positioning.

Keywords: marital violence, religious discourse, discussion of gender.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	6
INTRODUÇÃO	10
DESENVOLVIMENTO	15
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
1.1 Família, Gênero e Historicidade: Masculinidades e Feminilidades no contexto familiar.....	15
1.2 “Ela me bateu, eu vou, eu vou revidar, eu vou... eu vou espancar ela!” Uma visão histórico-cultural do fenômeno da violência conjugal.....	17
1.3 “ <i>O homem carregará uma serpente, porque nós viemos da mesma descendência</i> ” - Religiosidade, Gênero e Violência Conjugal: Um olhar sócio-histórico quanto as significações de um <i>ethos</i> religioso	20
1.3.1 Diversidade Religiosa e Gênero: A construção dos papéis conjugais em diferentes contextos de fé.....	23
1.3.1.1 Tradição Judaica:	24
1.3.1.2 Tradição Cristã:.....	25
1.3.1.2.1 Tradição Cristã Neopentecostal:.....	26
1.3.1.2 Tradição de Matriz Africana:.....	27

2. METODOLOGIA	28
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
1. Conhecendo o ontem para compreender o contexto: Analisando a história de vida dos homens tidos como autores de violência conjugal	34
2. De quem pedir ajuda? As redes de apoio dos homens tidos como autores de violência conjugal	39
3. “ <i>Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro</i> ” – Os posicionamentos quanto à gênero de homens autores de violência conjugal	41
4. “ <i>Agora eu pertença a Deus</i> ”: A religiosidade como elemento significativo nas falas dos entrevistados	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49
CRONOGRAMA.....	54

INTRODUÇÃO

Entre os vários problemas sociais que a complexidade humana coletiva vivencia em sua história, há um que se apresenta e se realça no cotidiano: a violência conjugal/doméstica, que até pouco tempo não era sequer questionada. Tratada por longo período exclusivamente como uma questão do âmbito doméstico, era entendida como uma marca do gênero, legitimando o poder do homem sobre a mulher. A visibilidade do fenômeno a partir das denúncias passa a ocorrer nos anos 70-80, principalmente nos casos de assassinatos (Bicalho, 2001). A violência conjugal é considerada um problema de saúde pública, que traz sequelas ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da vítima e sua família; sendo, na verdade, uma agressão complexa, com aspectos sociais, psicológicos e legais (Angelim, 2004).

No âmbito da dimensão psicológica, a questão da violência doméstica tem gerado uma série de estudos. A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06) propõe uma série de mecanismos multidisciplinares e multiprofissionais envolvendo todo o meio envolvido – vítima, agressor e família – visando promover o estudo e a pesquisa sobre as causas, consequências e a frequência da violência doméstica familiar. A violência de gênero, principalmente a violência conjugal/doméstica é um problema mundial, não fazendo distinção entre idade, raça, cor, classe social, religião ou localidade para acontecer (Bicalho, 2001). A violência nega autonomia à parte da relação submetida, e se manifesta de diferentes formas, desde as mais veladas até as mais evidentes, sendo o ponto mais extremo o da violência física (Alves, 2005).

A partir dos anos 80, foi introduzida a questão do gênero nas discussões sobre a mulher; o que trouxe um novo fôlego aos estudos. A questão do gênero se torna uma maneira de indicar as construções sociais, principalmente no tocante dos papéis próprios a homens e mulheres (Scott, 1991). Essa categorização pretendia propor uma nova interpretação nas relações estabelecidas entre

vitima mulher e agressor masculino, já que tradicionalmente compreendemos a violência conjugal como violência domestica e por consequência, violência de gênero, além de ser comum pensar em violência conjugal como atos que provoquem algum tipo de lesão física, mas não se pode desconsiderar as ameaças, o cárcere, as formas de violência emocional e sexual (Alves, 2005).

As relações violentas tendem a obedecer uma escala progressiva através dos anos de relacionamento, começando com as agressões verbais e culminando depois de um tempo na agressão física num ciclo continuo e repetitivo (Soares, 1999).Embora existam, são raros os episódios violentos perpetrados por mulheres, já que, segundo Diniz (2005) , os limites das relações humanas, no eixo de gênero, são fixadas por homens; o que justificaria o porque da maioria das vítimas de violência serem mulheres. Considera-se ainda que historicamente os maus tratos às mulheres eram aceitos e até enaltecidos como uma prática corretiva .

Estudos que cruzam religião e gênero são relativamente recentes, e entre seus desafios está o fato de que a religião não tem sido reconhecida como uma variável relevante entre as demais, como gênero, sexualidade, raça, classe, nacionalidade, etc. (Maluf, 2005).

A discussão de gênero e religiosidade na cultura ocidental pode apresentar a mulher como a portadora do mal, cabendo a ela a submissão, o medo e a culpa, devendo-se ressaltar que historicamente na cultura patriarcal ocidental, não eram vistos como crimes os espancamentos e assassinatos a mulheres, mas sim como uma situação normal. Estas significações naturalizam a violência contra a mulher dentro da lógica de inferioridade e fraqueza feminina (Bicalho, 2001), mas também pode ser observado no movimento das teólogas femininas a valorização da singularidade do feminino, considerando esta (a mulher) como mais próxima de Deus, fazendo uma distinção entre o feminino e o masculino, classificando o feminino com a emoção, a singularização, a intuição e a diferença e caracterizando o masculino como a razão, o universalismo e a igualdade (Maluf, 2005).

Compreende-se que durante todas as fases do desenvolvimento humano, sofremos influências de instituições tais como a família, a escola e a igreja, as quais transmitem valores culturais, constituindo um ideal de masculino e feminino, atribuindo comportamentos ‘ideais’ aos papéis atribuídos a cada gênero. Compreender a trajetória religiosa é fundamental para se visualizar as transformações pessoais-familiares e como estas refletem na sociedade. O processo de conversão é compreendido como o de estabelecimento de vínculos afetivos entre o sujeito e o grupo de sua crença, que produz modificações em sua identidade pessoal subjetiva, referente as concepções pessoais que o sujeito tem de si mesmo e do mundo (Carozzi & Frigério, 1997).

A construção de um novo *ethos* a partir da conversão às igrejas evangélicas, principalmente os pentecostais, tem sido um assunto recorrente em pesquisas socioantropológicas; e existe um consenso entre autores que o pentecostalismo possui valores menos machistas que os dominantes na sociedade, mas reforçam que o *ethos* evangélico feminino pouco se diferencia da tradicional ênfase de submissão, docilidade e abnegação (Mariz & Machado, 1994).

Machado (1996), em estudos sobre a adesão religiosa pentecostal na esfera familiar, aponta que quando só o parceiro ou ambos os cônjuges assume(m) a identidade “evangélica carismática” as relações tendem a se tornar mais igualitárias e democráticas; diferentemente de quando somente a mulher se converte à igreja, o que tende a transformar sua relação conjugal numa hierarquia, sendo que ela assume uma posição mais resignada e submissa. Isso se daria porque a mulher adere mais às crenças pentecostais que reforçam a disparidade dos gêneros, enquanto os homens se vinculam mais ao potencial de racionalização dos evangélicos/protestantes que está vinculado a mentalidade moderna calcada da lógica instrumental da ciência (e por consequência do individualismo de direitos), o que promove uma tendência por uma ruptura radical com o modo de vida anterior, calcado, nestes casos, no “padrão hegemônico de gênero dominante”, ou seja, hierarquizado/holista.

A interpretação das relações de gênero no pentecostalismo tende a variar segundo a perspectiva dos pesquisadores na abordagem do fenômeno (Couto, 2002). Os atrelados a categorias

menos flexíveis, tendem a reforçar que os ganhos femininos não chegam a alterar o padrão tradicional das relações entre os gêneros, enquanto outros buscam focalizar o aspecto relacional as reformulações do *ethos* masculino (Mariz & Machado, 1994; Machado & Mariz, 1997). Em resumo, os pentecostais favorecem as mulheres ao aumentar a auto-estima feminina, ao defender a família e quando limitam o poder masculino sobre elas (Couto, 2002)

A questão da violência conjugal é algo que existe desde que o ser humano passou a viver em comunidade e constituir arranjos familiares, porem trata-se de uma questão que recebeu diversos olhares. Antes, a violência conjugal era vista como algo benéfico ao casal, como algo educativo a mulher que não era subserviente ao marido; depois visto como algo que cabia as que “davam motivo”, por trair ou apenas por haver uma suspeita. Apenas por volta dos anos 80 que os crimes contra a mulher e os inúmeros casos de violência conjugal começaram a ganhar espaço de divulgação na mídia; principalmente após o caso do assassinato de Ângela Diniz (Priore, 2011).

A adoção de uma ética religiosa como uma em potencial para o combate a violência (masculina) conjugal contra a mulher deve ser mais pesquisado, conforme o proposto por Lisbôa (2000 apud Oliveira, 2010). Alguns trabalhos tem defendido a importância de grupos religiosos no auxílio e orientação de jovens. Os estudos de Eva Scheliga (2003) e os de Maria das Dores Machado (1996) já ajudam a compreender um pouco como acontece a mudança. Scheliga (2003) haviam observado que a conversão religiosa – no caso de seus estudos entre detentos em unidade penais – resulta numa alteração estratégica da “personalidade”, assumindo-se “solidário, calmo, responsável e obediente”, buscando construir “relações sociais pautadas na solidariedade e na ordem” e assim redefinindo “as fronteiras simbólicas entre ‘bandidos’ e ‘trabalhadores’”.

Nesse sentido, a presente pesquisa levantou o seguinte questionamento: *Como o discurso religioso apreendido nas falas homens tidos como autores de violência conjugal articula-se com o delito cometido?* De forma a dar maior direcionamento ao trabalho de pesquisa assumiu-se o seguinte objetivo geral:

- Rever narrativas de homens autores de violência conjugal produzidas em uma pesquisa que investigou suas descrições e explicações sobre seus problemas, para levantar hipóteses quanto a relações entre o discurso e/ou a vivência religiosa e as atitudes de combate ou justificação da própria violência.

Por objetivos específicos delineou-se:

- Levantar hipóteses sobre como o discurso religioso ajuda a promover uma identificação de gênero por parte dos homens dentro de seu arranjo conjugal, e como esta se articula a promoção/justificação ou combate à violência conjugal.
- Inferir, para além das discussões de gênero, como a religiosidade dos homens autores de violência conjugal atua na promoção ou inibição de posicionamentos violentos deles,
- Criar novas perguntas de pesquisa e perguntas de entrevista, a serem utilizadas em novas pesquisas, que investiguem a relação entre religião e a promoção ou combate a violência conjugal por parte dos homens.

DESENVOLVIMENTO

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Família, Gênero e Historicidade: Masculinidades e Feminilidades no contexto familiar.

Desde os primórdios da humanidade, a família tem sido utilizada por instituições como a Igreja e o Estado como estruturas patrimonializadas, matrimonializadas e sacralizadas, entretanto, percebe-se um movimento dialético no estabelecimento das fronteiras entre a família e as demais instituições, que indicam cooptar como constituintes de uma estruturação familiar, os afetos. Assim, as famílias acabam sendo mistificadas por ideologias, criando-se mitos entorno da “família perfeita”, bem como das tragédias familiares (Groeninga, 2008).

Bustos (1990) *apud* Gomes (2005) relata que na literatura, relata-se que a mulher foi criada para fazer companhia ao homem, num papel auxiliar e secundário, remetendo ainda à origem do homem e da mulher segundo a bíblia e reportando-se ao mito de Lilith, a qual seria a primeira mulher criada por Deus logo a criação de Adão, pontuando que esta fora expulsa do paraíso por não aceitar o domínio de Adão sobre si e seu corpo, questionando a ordem “natural” das coisas. Ainda assim, a segunda mulher criada, Eva, rebela-se não contra seu marido, mas contra o criador, e assim como Lilith, e punida, com a dor e a morte.

A partir de tais rebeliões (ou de tais mitos), estabelece-se o domínio do homem sobre a mulher, o qual foi cristalizado no correr dos anos, sendo transmitido as novas gerações na forma de normas e valores culturais. Esta construção cultural de gênero determina as diferenças entre os

sexos e a partir delas, delimita legítima tanto a inferioridade quanto a superioridade de um dos sexos, gerando desigualdade e permitindo que as relações violentas entre homens e mulheres sejam consideradas naturais (Gomes, 2005).

Assim, a construção psíquica da identidade sexual é marcada por diversas matizes que são representadas pelos papéis simbólicos acerca da masculinidade e feminilidade. A sociedade moderna patriarcal acaba por prescrever em sua cultura os ideais de masculinidade e de feminilidade, que por muitas vezes, são definidos como antítese um do outro. Neste sentido, entende-se que as mulheres se ajustam aos papéis que a feminilidade determina; papel esse que está associado a passividade, subordinação e obediência. Espera-se que a mulher assuma o papel de mãe, dona de casa, ambicione um casamento e filhos, limitando suas ocupações a atividades domésticas, enquanto ao homem espera-se que atue como o chefe de família, provedor do lar e viril, e com pouca capacidade de demonstrar suas emoções (Gomes, 2005; Marrega, 2009). Esta caracterização da masculinidade, ao mesmo tempo que reforça a o ideal de homem como independente, inteligente e onipotente, inibe a manifestação de sua humanidade e suas possíveis falhas.

Dentro desta ótica, a ordem patriarcal pode ser vista como um fator preponderante para a produção de violência de gênero, uma vez que está na base das representações de gênero, já que entendem-se as relações sociais (incluindo-se nesta categoria as violências de gênero/conjugais) como relações de poder. A dominação masculina, segundo Bourdieu (1999) gera uma dominação simbólica e social, naturalizando as desigualdades entre homens e mulheres. Entretanto, como cita Araújo (2004) é importante considerar que a dominação masculina não deve ser analisada como um bloco, onde as relações se reproduzem de modo idêntico, já que observa-se diferenças entre os conceitos de gênero e dominação masculina/feminina na literatura.

1.2 “Ela me bateu, eu vou, eu vou revidar, eu vou... eu vou espancar ela!” Uma visão histórico-cultural do fenômeno da violência conjugal.

Historicamente, o papel feminino na estrutura familiar, e na sociedade em geral, acaba sendo “esquecido”, e a figura feminina foi tida por muito tempo como invisível ao poder público. A opressão, as desigualdades e as assimetrias, que fizeram das mulheres seres hierarquicamente inferiores, também trataram de esconder as marcas visíveis e invisíveis dos mecanismos de silêncio e invisibilidade, havendo inclusive o relato de que os maus tratos às mulheres eram aceitos e até enaltecidos como práticas corretivas de manhas e erros, citando-se o exemplo do Brasil Colonial, onde era permitido aos maridos corrigirem suas esposas pelo uso da chibata (Negrão, 2001, Alves, 2001).

A violência contra a mulher em seu eixo familiar é um fenômeno que ocorre desde os primórdios da humanidade, entretanto, apenas a partir da década de 1970 deixou de ser analisada como uma questão de caráter individual, passando a ser visto como um problema de saúde pública, ressaltando-se as proporções endêmicas do fenômeno (Brito, 2002; Priore, 2011). Autoras do movimento feminista garantiram a visibilidade do termo “violência contra a mulher”, bem como pontuam que o mesmo está associado aos valores culturais que desprestigiam e submetem as mulheres (Oliveira, 2004). Na realidade, o movimento feminista teve um papel considerável na estruturação de uma rede de apoio as mulheres que sofriam violências de seus maridos, discutindo gênero e o papel de homem e mulher na família (Oliveira, 2004).

No Brasil, as primeiras mobilizações e discussões públicas sobre a violência conjugal ocorreram a partir do julgamento de Doca Street, que em 1979 assassinou sua então companheira, Ângela Diniz, onde alegou-se em sua defesa o argumento de “legítima defesa da honra”. No

primeiro julgamento, Doca não só saiu em liberdade como aplaudido por uma multidão. As mulheres então iniciaram protestos, dando visibilidade não apenas a este, mas a inúmeros outros assassinatos cometidos por homens contra suas companheiras, e se cria o lema “quem ama não mata”. A partir do caso Diniz, muitos outros ganharam destaque na imprensa e estimularam a luta das feministas em favor da condenação de homens violentos, exigindo que estes recebessem tratamento equivalente ao dos crimes cometidos entre desconhecidos. Os abusos ganhavam maior visibilidade e passou-se a discutir a questão da violência conjugal na mídia, divulgando-se e criando-se inúmeras instituições de apoio às vítimas como o SOS Mulher, Conselhos da Condição Feminina e Delegacias de Defesa da Mulher (Priore, 2011; Oliveira, 2004).

Embora de modo acanhado e vagaroso, os textos legais acabam retratando a trajetória histórico-cultural da mulher. Dias (2011) relata que *“a presença da mulher é a história de uma ausência. Era subordinada ao marido, a quem devia obediência. Sempre esteve excluída do poder, dos negócios jurídicos, econômicos e científicos. O lugar dado pelo direito à mulher sempre foi um não lugar”*. O primeiro grande marco para romper a hegemonia legal masculina foi a edição do chamado Estatuto da Mulher Casada (L.4121/62), onde devolveu-se a mulher a plenitude na sociedade conjugal, passando de submissa a companheira de seu marido, dispensando a necessidade de uma autorização marital para exercer atividade laboral. Reconheceu ainda o direito materno em permanecer com a guarda dos filhos nos casos em que ambos possuam “culpa” pela separação.

A Lei do Divórcio (L 6515/77), apesar de não estar plenamente voltada à mulher, traz em seu texto a não obrigatoriedade da adoção do nome do companheiro. Na Constituição Federal, além da igualdade de todos perante a lei, pela primeira vez é enfatizada a igualdade entre homens e mulheres em direitos e obrigações, entretanto, até o ano de 2002, seguiu em vigor o Código Civil de 1916, onde elencavam-se os distintos direitos e deveres do marido e da mulher, onde ao marido era indicado com o chefe da sociedade conjugal, cabendo a ele a responsabilidade pelo provimento do

lar, enquanto a mulher, entre outras coisas, cabia a responsabilidade pela manutenção do lar e da família. Cita-se ainda que apesar dos avanços, apenas no ano de 2005 extinguiu-se do Código Penal Brasileiro que o casamento da vítima com o réu extingiria a punibilidade, ou seja, descriminalizava o estupro, absolvendo o autor da violência no caso desde casar-se com a vítima Dias (2011).

Talvez a mais saliente omissão da lei civil tenha sido com relação à violência doméstica. Neste sentido, em 2006, foi sancionada a Lei nº 11.340, conhecida como “Lei Maria da Penha”, a qual trouxe significativas mudanças com relação ao olhar dado a questão da violência contra a mulher, e tem sido amplamente comentada pelas punições mais severas aos homens acusados de violência contra a mulher (Guimarães, 2009; Dias, 2011). A lei conceitua em seu artigo 5º como violência doméstica e familiar contra a mulher “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasil, 2006).

A violência de gênero, especificamente a conjugal/doméstica, é um problema mundial e, atinge mulheres independente da classe a que pertençam, idade, cor, raça/etnia, religião e nacionalidade. Pode entretanto, ser agravada na alquimia com estes outros elementos sociais, uma vez que as desigualdades sociais têm sido construídas ao longo da história humana no tripé das contradições de classe, raça/etnia e gênero (Bicalho, 2001).

Minayo (1990) *apud* Alves (2005) propõe que a violência constitui-se como uma forma própria da relação pessoal, política e cultural, ou ainda como resultante das interações sociais, definindo-a, portanto, como “uma relação humana”, compreendida dentro de um contexto social, histórico e cultural. Neste contexto, a violência conjugal é tida como uma das violências mais praticadas e menos reconhecidas no âmbito dos direitos humanos no mundo, onde apenas em 1995,

na Conferência das Nações Unidas para a Mulher realizada em Beijim, na China, que se afirmou que “a violência contra a mulher viola os direitos humanos” (Negrão, 2001).

É comum pensar em violência como atos que provocar algum tipo de lesão física, entretanto, ela pode assumir tanto a forma física, na forma de empurrões, tapas, murros, queimaduras, cárcere privado, como também as formas de violência emocional, caracterizada por humilhações, ameaças e acusações de traições e a violência sexual, onde ocorre a imposição de relações sexuais, ou de práticas que não agradam e que colocam em risco a saúde da companheira (Alves, 2001).

As relações violentas tendem a obedecer uma escala progressiva no período de relacionamento, iniciando com as agressões verbais, ampliando-se para as vias de fato, podendo chegar a ameaça de morte e até mesmo ao homicídio. Em um primeiro momento, a da construção da tensão, é caracterizado ela ocorrência das agressões verbais, ciúmes e ameaças, onde a mulher acredita ser capaz de controlar a situação e colocando-se como dócil, prestativa e culpada, atribuindo a si a responsabilidade pelas agressões vivenciadas. Na segunda fase, as agressões tornam-se mais intensas e frequentes, e na terceira fase, denomina-se “lua de mel”, onde após terem cessado os ataques, o agressor torna-se temeroso em perder a companheira, iniciando-se um período de calma (Soares, 1999 *apud* Alves, 2001).

1.3 “O homem carregará uma serpente, porque nós viemos da mesma descendência” - Religiosidade, Gênero e Violência Conjugal: Um olhar sócio-histórico quanto as significações de um *ethos* religioso

O interesse sobre a espiritualidade e a religiosidade sempre existiu no curso da história humana, a despeito de diferentes épocas ou culturas. Contudo, apenas recentemente a ciência passou a demonstrar interesse em pesquisar o tema (Peres, 2007). A crença religiosa constitui uma parte importante da cultura, dos princípios e dos valores utilizados pelos clientes para dar forma a julgamentos e ao processamento de informações. A confirmação de suas crenças e inclinações perceptivas pode fornecer ordem e compreensão de eventos dolorosos, caóticos e imprevisíveis (Carone e Barone, 2001 *apud* Peres, 2007).

A palavra religião vem do latim: *religio*, formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e o verbo *ligare* (ligar, unir, vincular). A religião é um vínculo. Todas as crenças, sentimentos e comportamentos referidos a um ser supremo mediante as quais os grupos e pessoas tratam de responder as perguntas últimas sobre o sentido da vida e da morte (Ávila, 2007).

Martin-Baró (1998) destaca três elementos da religiosidade: a) representações religiosas “sentido comum” constitui dois elementos: centro da mensagem de salvação, e o outro, os símbolos mais utilizados para entender a Deus e sua relação com o ser humano. b) As práticas religiosas - todos os comportamentos que pretendem vincular o ser humano a uma entidade religiosa. c) relações vínculos que as pessoas estabelecem com os outros membros de sua confissão ou denominação religiosa. Neste estudo, adotamos como elementos que representam religiosidade a figura das entidades religiosas, as quais poderiam ser equiparadas a ideia de “representações religiosas” por referir-se a um personagem ou símbolo e sua relação com o sujeito, bem como as percepções do sujeito sobre este, e experiências religiosas, comparada as “práticas religiosas” e “vínculos” como supracitado, o que faz referência aos momentos de interação do sujeito, seja com outros atores religiosos ou mesmo com vivências e sua percepções sobre as mesmas.

Ávila (2007), propõe a partir do estudo da psicologia da religião dois polos de formas de religiosidade levando em conta a complexidade estudada por distintas orientações psicológicas. Uma primeira forma é o **funcional** que tem como característica a pobreza em sentimentos movidos

pelo temor, culpa, uma relação com a divindade no qual o homem serve-se para sua própria utilidade, interesse maior para as orações, ritual do que para a ética. O outro polo da religiosidade é do “**encontro**” pessoal com o Totalmente Outro uma presença de comunhão mística, sendo capaz de ser amadurecedora e de dar sentido, embora em muitos casos não esteja isenta de vivências mórbidas.

Assim, compreendemos que a religiosidade é um fenômeno complexo, já que envolve o estabelecimento de vínculos afetivos por parte do sujeito com seu grupo de crenças, que de forma paulatina, ou de vezes abrupta, produz modificações em sua identidade pessoal subjetiva, referentes as concepções que o sujeito tem de si mesmo e do mundo. Percebe-se que as mudanças no *ethos* pessoal podem ocorrer tanto em virtude de uma experiência, quanto pela identificação com os pares religiosos.

O *ethos* religioso perpassa não apenas a crença numa divindade superior, mas principalmente, comportamentos e papéis sociais. Conforme supracitado, o conceito de religião está relacionado a “religar”, interligar os diversos sentidos e significados, entre eles, os sentidos atribuídos aos papéis conjugais e atribuições de gênero. Os estudos que cruzam gênero e religiosidade são relativamente recentes, onde vislumbram-se uma série de desafios dado o fato de que não existe uma experiência religiosa genérica bem como, a religião raramente é considerada como uma variável relevante entre as demais, como gênero, sexualidade, raça e etnicidade (Maluf, 2005). Entre os desafios encontrados no cruzamento entre gênero e religião está no fato em que não existe uma experiência religiosa genérica, um *ethos* religioso comum, bem como, o fenômeno da religiosidade dificilmente é considerado como variável relevante nos estudos.

Maluf (2005) propõe duas dimensões de articulação entre gênero e religiosidade, sendo a primeira baseada na **singularização do feminino**, como mais próximo da vida e da divindade, propondo uma nova hermenêutica na releitura dos textos bíblicos pela ótica feminina, enquanto a

segunda estrutura-se nos **dicotômicos papéis** atribuídos ao masculino e feminino nos textos bíblicos. Couto (2002) faz referência ao **processo de conversão** como significativo para a constituição de um novo *ethos*, já que produz modificações em sua identidade pessoal e subjetiva.

Em discursos sobre as trajetórias religiosas pessoais, a experiência da conversão tem sido citada como fundamental para compreender como crescem as novas religiões, já que o fato representa o ingresso de pessoas a novas crenças e práticas religiosas. Assim, a conversão passa a ser entendida como um processo de estabelecimento de vínculos afetivos por parte do sujeito com seu grupo de crença, que produz modificações em sua identidade pessoal subjetiva, referente às concepções estáveis que os sujeitos tem de si mesmos e do mundo, constituindo assim, um novo *ethos*. Em comum as diversas crenças religiosas, percebe-se que toda religião quer demonstrar ser capaz de ofertar uma nova vida ao sujeito, tornando-o capaz de explorar novas possibilidades e realizações (Couto, 2006).

Neste sentido, Machado (1996 *apud* Oliveira, 2010), em estudos sobre a adesão religiosa pentecostal na esfera familiar, aponta que quando só o parceiro ou ambos os cônjuges assume(m) a identidade “evangélica carismática” as relações tendem a se tornar mais igualitárias e democráticas; diferentemente de quando somente a mulher se converte à igreja, o que tende a transformar sua relação conjugal numa hierarquia, sendo que ela assume uma posição mais resignada e submissa.

1.3.1 Diversidade Religiosa e Gênero: A construção dos papéis conjugais em diferentes contextos de fé.

Os papéis de identificação de gênero, suas funções e como interagem, não estão estagnados. Levando-se em conta que cada doutrina religiosa é norteadas por uma série de arranjos

próprios e únicos, compreende-se que os significados atribuídos aos papéis masculinos e femininos ganham novas conotações.

1.3.1.1 Tradição Judaica:

O primeiro papel feminino de destaque na tradição judaica é o de Lilith, a qual é descrita como a primeira companheira de Adão, criada de seu mesmo material, portanto igual a ele, precedendo inclusive o mito de Eva. Pontua-se aqui que o grande mal atribuído a Lilith foi a desobediência ao masculino (Rodrigues, s.d).

É evidenciado também o caráter sexual atribuindo a Lilith, a qual é citada no Torá com sangue e saliva, o que, segundo Rodrigues (s.d.) pode sugerir os fluidos sexuais e o sangue menstrual, bem como a inibição da mesma em exhibir-se e colocar-se como disposta sexualmente, ficando evidente a condição sensual e libertada dos preconceitos dentro do universo simbólico feminino em Lilith; é essa atuação sexual, que leva o homem ao êxtase e fora do controle sobre si mesmo, o que amedronta o universo simbólico masculino expressado em Adão: por isto, ele se afasta e busca uma companheira adequada - ou seja, submissa, obediente, que sinta-se inferior. Deste modo, a mulher buscava a igualdade junto ao homem, rejeitando a condição de submissão ao masculino, pois nascera impura, porém das mãos divinas como Adão.

Adão e Lilith consumaram sua relação nas trevas, na escuridão do Sábado, o sétimo dia, em que Deus descansou: dia sagrado aos hebreus. O homem sente a potência feminina/demoníaca, que provoca o prazer e o descontrole da situação. Lilith lhe apresenta isto. Lilith apresenta-se, então, cheia de desejo e sensualidade, sedutora, gemendo e oferecendo um ofuscamento de consciência, um orgasmo ao homem: é uma mulher que é demônio. Acrescenta-se que, além do prazer erótico, Lilith recusou-se a assumir uma posição submissa na consumação do ato sexual, recusando-se a permanecer sob o corpo masculino (Rodrigues s.d.).

1.3.1.2 Tradição Cristã:

No decorrer das últimas décadas tem ocorrido um crescente interesse pela abordagem da Bíblia como literatura, razão pela qual se torna necessário situá-la no universo literário de seu tempo. Neste escopo se incluem as escrituras cristãs que, diga-se desde já, não foram concebidas inicialmente num projeto organizado para se constituírem um corpo fechado de livros e só mais tarde, no séc. III d.C., recebeu um nome coletivo, denominado por Tertuliano de Novo Testamento. Estas escrituras demonstram seu caráter especial devido tanto a sua coligação com a história de surgimento e desenvolvimento do cristianismo originário quanto com o que nos permite saber sobre o mundo de pensamento e ambiente linguístico dos seus escritores (Abreu, 2012).

A Bíblia Sagrada, principal livro norteador da doutrina cristã católica, em diversas passagens, cita quanto as funções dos pares conjugais. Cito aqui, por exemplo, uma passagem constante no segundo capítulo das cartas enviadas pelo apóstolo Paulo a Timóteo, referindo-se aos comportamentos à serem difundidos à população.

8. Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levando mãos santas, sem ira e sem animosidade.

9. Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso.

10. Porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas).

11. A mulher aprenda em silêncio, com toda submissão.

12. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio.

13. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.

14. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.

15. Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se elas permanecerem em fé e amor e santificação, com bom senso.

I Timóteo (2:8-15)

Destaca-se que neste período, a mulher não possuía o direito de manifestar-se em respeito as autoridades eclesiástica, posicionamento este, que era ampliado à sociedade em geral. Ênfase aqui, que o termo “silêncio” é repetido duas vezes na passagem supracitada, o que conota que era esperado da mulher uma postura passiva frente à autoridade masculina..

Cita-se ainda o destaque dado à justificativa quanto a superioridade masculina frente à figura feminina, baseado na teoria criacionista “Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva”. Retornando ao livro de Gênesis, no qual, o criacionismo é descrito, destaco o versículo 27 de seu primeiro capítulo, onde consta “*criou deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*”, sendo compreendido, portanto que, apesar da ordem da nascimento, não são indicados diferenças entre os direitos masculinos e femininos no momento da criação.

1.3.1.2.1 Tradição Cristã Neopentecostal:

Ao percorrer relatos acerca da experiência da conversão religiosa no pentecostalismo, percebe-se uma diferenciação quanto ao “motivo” que justificaria a busca do apoio religioso, sendo indicado que homens atribuem como motivos problemas de saúde, abuso de bebida alcoólica, problemas financeiros, enquanto as mulheres tendem a procurar por “libertação” dos sofrimentos na esfera conjugal-familiar (brigas, traições). Além de se considerar as relações de gênero, é importante considerar que estes indivíduos são atores sociais, portanto, interagem com seus pares, que manifestam quanto suas próprias experiências e vivências (Couto, 2002).

Vários autores concordam que o pentecostalismo tem valores menos machistas que os dominantes na sociedade, entretanto, o *ethos* evangélico feminino pouco se diferencia da tradicional

ênfase de submissão, docilidade e abnegação. Cita-se ainda que a conversão masculina ao pentecostalismo implica numa ruptura maior com o *ethos* dominante nesta cultura (Couto, 2002).

1.3.1.2 Tradição de Matriz Africana:

Nas religiões afro-brasileiras, particularmente, o sexo feminino parece ocupar uma posição de maior destaque em comparação às outras religiões. Podemos perceber que na religião católica, não é permitido às mulheres dirigir a cerimônia de maior destaque, que é a missa. Nos templos evangélicos e pentecostais a situação se repete, pois a grande maioria de bispos é do sexo masculino. Há pouco tempo, começaram a surgir timidamente, algumas mulheres nessa posição. E isso é percebido em outras religiões como o budismo, onde as práticas e instituições budistas não são neutras quanto ao gênero (Bastos, 2009).

Bastos (2009) menciona que e sua origem, as religiões afro-brasileiras eram lideradas por homens, no entanto no Brasil ocorreu o inverso em virtude das mulheres terem conseguido independência financeira e liberdade. Destaca-se ainda como possibilidade à liderança feminina o fato de que no período de escravidão brasileira, a realização/manutenção de um relacionamento em união estável, ou seja, a possibilidade de um escravo constituir família era algo raro, portanto, a figura feminina tendia a assumir a liderança nos arranjos familiares.

Com relação as figuras de divindades, Maluf (2005) propõe uma análise da relação do mundo dos orixás, e como estas estão descritas e estruturadas, relatando ter percebido que os orixás constituem-se como estereótipos de gênero, onde os masculinos são descritos como autônomos e os femininos como mais dependentes. Além disto, as atividades rituais são executadas de acordo com o sexo, havendo inclusive, interdições para as mulheres em período menstrual.

2. METODOLOGIA

O presente estudo propôs a utilização dos princípios da pesquisa qualitativa, dentro de uma perspectiva sócio-histórica ou histórico-cultural, onde o fenômeno da violência conjugal foi analisado histórica e socialmente, já que se trata de um tema multifacetado, cujos valores têm mudado ao longo dos anos, sendo assim necessária uma análise descritiva fenômeno.

Os sujeitos que produziram as falas as quais foram utilizadas como conteúdo de análise do presente projeto, foram homens tidos como autores de violência conjugal, os quais que foram entrevistados pela Dra. Kátia Lenz durante sua pesquisa de doutorado, integrando o estudo denominado “Discurso(s) de homens em conjugalidade violenta: uma análise sócio-antropológica sob a referência da ética da serenidade”. A partir da análise das entrevistas realizadas, selecionou-se entre estas, entrevistas em que os participantes mencionassem em suas falas, termos que remetesse a religiosidade, tais como: Deus, igreja, fé, religião, ou qualquer outra referência que possa ser utilizada.

Os participantes deste estudo foram selecionados em função de denuncia oficial em delegacias e/ou terem se submetido a atendimento psicológico em virtude de vivência conjugal violenta, sendo as entrevistas realizadas entre novembro de 2007 e agosto de 2008 (Oliveira, 2010).

O contato com os homens foi realizado através de fichas de cadastro em um grupo de extensão denominado “Grupo de homens vivendo em relação conjugal violenta”, composto por homens que procuravam voluntariamente o grupo; através de observações na Delegacia de Crimes contra a Mulher ou ainda através de procura à homens encarcerados em presídios ou delegacias em

função de flagrante ou condenação por atos violentos à suas companheiras. Todos os entrevistados receberam um convite, onde foi explicado os objetivos, metodologia e cuidados éticos da pesquisa.

As entrevistas ocorreram em locais distintos (Delegacia da Mulher, Serviço de Apoio Emergencial à Mulher/SAPEM – ao lado da Delegacia da Mulher-, e Centro de Serviços de Psicologia Aplicada- CSPA Universidade Federal do Amazonas- UFAM, uma das Cadeias Públicas; cela da Delegacia da Mulher ; Delegacia Geral). Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, e todas as instituições participantes a autorização formal, procedimento aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM (processo 0268.0.115.000-07).

As entrevistas foram realizadas de forma semi-estruturada pela Dra. Kátia Lenz que buscava obter conteúdo sobre a estrutura e descrições do indivíduo e sua parceira; os sentidos de violência para o indivíduo; dinâmicas relacionais e processo de saúde e adoecimento. (Anexo 01)

A análise dos dados baseou-se na técnica de análise do conteúdo que, segundo Caregnato; Mutti (2006), a maioria dos autores refere-se a esta técnica como uma pesquisa que trabalha com a palavra e que permite de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação social. A técnica seguiu as etapas propostas por Bardin (1977, apud Caregnato; Mutti, 2006), que são: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados com as devidas interpretações das falas. Descreve-se a primeira fase como um período de organização das falas, realização de leitura flutuante, elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação; na segunda fase, os dados obtidos são codificados a partir das unidades de registro e na fase final realiza-se a categorização, assim como a organização em grupos comuns para a interpretação dos mesmos (Caregnato; Mutti, 2006).

Foram analisadas, ao todo, 14 entrevistas, cujo material foi acessado em forma de arquivos digitais (textos integrais das entrevistas transcritas), autorizados pela autora do projeto inicial.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A revisão bibliográfica realizada no presente estudo objetivou aprofundar nos conceitos de violência conjugal, discussões de gênero, produção de sentidos sobre violência e religiosidade, buscando-se priorizar estudos nos quais os conceitos supracitados fossem analisados de forma interligada. Tal revisão já resultou na organização e redação dos tópicos apresentados no item “Desenvolvimento”, no presente estudo, servindo como base à compreensão das falas.

Em concomitância com a revisão de literatura, realizou-se a pré-análise dos dados através de leitura do material constante do banco de dados da pesquisa. As mesmas foram lidas individualmente pela bolsista e em sessões grupais, gerando discussão e análise em grupo das percepções obtidas. Os conteúdos iniciais que emergiram no processo da pré-análise foram organizados de forma a auxiliar na categorização, o que consistiu na segunda etapa da análise e tratamento dos dados.

Como resultado deste processo, identificou-se a necessidade de expandir a análise para além dos objetivos diretamente relacionados à questão da religiosidade nas falas dos entrevistados. Uma vez que as entrevistas não foram geradas a partir de um roteiro que visasse à temática da religiosidade, mas sim temas mais amplos sobre discussões de gênero, foi necessário sistematizar as falas a partir de tópicos que não remetessem diretamente aos objetivos dessa pesquisa, mas que possibilitariam contextualizar os conteúdos sobre religiosidade em cada discurso.

Como resultado deste primeiro tratamento dos dados, obteve-se o seguinte quadro:

QUADRO 1 – Caracterização dos sujeitos e história de vida, vinculado ao episódio de violência atribuído

	Forma de contato e tido como violento por:	Violências que descreve ter cometido e que acusa espontaneamente receber	Características principais da história pessoal e do discurso
Homem 01	- grupo de homens (atendido individualmente por 2 vezes) - ele mesmo ao procurar grupo + denúncia namorada por violência física	- Física, verbal, ameaça de homicídio e suicídio, pressão psicológica - Sua parceira é arrogante e briguenta, tal como ele	. Admite sem rodeios sua violência, em especial psicológica contra a parceira, e busca explicações sobre isso. . É viciado em remédios de tarja preta. . Após seus pais se separarem, aos 6 anos de idade ficou sob a responsabilidade do pai e então sofreu abuso sexual deste (foi convidado a participar de um encontro sexual entre várias homens em sua casa). Após o fato, os avós assumiram sua criação no interior do estado do AM. Alguns anos depois, passou a companhia materna, mas se viu envolvido com drogas e na rua desde este tempo. . Diz que se mata se perder sua companheira, não queria pensar assim. Ele a ameaça de assim fazê-lo se ela o abandonar, ameaça-a ainda de matar o homem que ela se envolver também. . Indica que lhe faz muito bem e sente falta de ser ouvido atentamente, como acontece na entrevista.
Homem 02	- grupo de homens (atendido em grupo por 2 vezes) -pesquisadora (ex-coordenadora do grupo) supôs que sua esposa ao pedir a ele que frequentasse grupo + ele mesmo, após convite ao telefone, como apenas agressor verbal	- Verbal, física. - Sua esposa é quem inicia a violência física, soco no nariz p.ex.	. Nega veemente ser violento. Descreve violências perpetradas por ele, mas como defesa contra a violência física e psicológica cotidiana de sua esposa contra ele. . Teve muitas frustrações amorosas antes de casar-se. O casal se conheceu e logo resolveu morar juntos, a convite dela. Desde o início o casal briga muito, o tema das brigas começou é em torno do fato dele acompanhar com olhar para mulheres passando na rua. Ele diz que é instinto e mania de solteiro, mas tenta parar. . Demonstra angústia por ganhar menos que ela e, assumir as tarefas domésticas sozinho, já que trabalha em casa e ela passa o dia fora. Por outro lado, tem prazer e orgulho em cuidar dos animais dela e poder servi-lhe comida quente e fresca todos os dias. . Tem andado muito tenso, a tal ponto de quebrar suas próprias coisas. Sua esposa insiste que ele procure ajuda psiquiátrica para usar ansiolíticos, mas ele se recusa. . Impôs como condição para dar a entrevista que ele e todos os entrevistados recebessem atendimento psicológico sistemático posterior, mas ao final hesita quanto à sua necessidade de receber ajuda. Procurou posteriormente ajuda assistemáticamente.
Homem 03	- grupo de homens (atendido 1 vez individualmente) - ele mesmo ao procurar grupo	- Física, pressão psicológica - Sua parceira é briguenta e ciumenta, tal como ele	. Admite sem rodeios sua violência, em especial psicológica contra a parceira, e busca explicações sobre isso. Diz ser dependente das mulheres e que quer resolver isso. . É viciado em drogas e as usa junto com a companheira. . Pediu que em troca das entrevistas recebesse atendimento psicológico sistemático, submetendo-se a isso posteriormente.
Homem 04	- grupo de homens (atendido em grupo por meses) - ele mesmo ao procurar grupo + denúncia esposa por agressões físicas	- Física, autoritarismo, verbal (nenhuma)	. Discurso de mudança entre antes e depois do grupo de homens. Antes era arrogante, agora busca ouvir e sabe ser mais educado (conter a raiva)
Homem 05	- grupo de homens (entrevistado e aceito para futuro grupo) - ele mesmo ao procurar grupo + denúncia ex esposa por invasão de domicílio e ameaça com faca.	- Ameaça de homicídio, tentativa de invasão à casa da ex esposa com faca à mão - Pareceu-lhe recentemente, depois de separado, que ela o traía, apesar de ter sido cuidadora e amiga.	. Entende sua violência como algo pontual, relacionado à perda de controle das emoções, mas eu o acho bem machista, em função de mostrar uma postura muito auto-centrada, que não leva em conta e não analisa o lado dela. . Conta que foi ele mesmo quem pediu a separação, por isso não entende porque agora ficou tão abalado ao imaginar ela com outro. . É viciado em drogas, conta que sua ex esposa o ajudava muito a afastar-se delas.

Homem 07	<p>- grupo de homens</p> <p>- denúncia de ex esposa por ameaça</p>	<p>- Somente verbal</p> <p>- Tempos atrás, uma vizinha o seduziu e com uma arma o constrangeu a ter relações sexuais.</p> <p>- violência verbal</p>	<p>Manifesta ter desenvolvido características comportamentais femininas pela convivência com outras figuras femininas. Seu primeiro casamento, de 14 anos, foi ruim desde o início. Ela pediu a separação nos primeiros anos, mas ele lutava por mantê-lo, vivendo uma situação complicada com a melhor amiga de sua primeira esposa (a qual indica como suposta amante de sua esposa), que o seduzia, chegando a violentá-lo sexualmente.</p> <p>Seu segundo casamento foi com uma moça mais nova, que ele define como bipolar, o que o faz querer ajudá-la. Ele entende que a separação é fruto de amadurecimento dela, o que lhe faz crer que conseguiu seus objetivos de ajudá-la. O problema que gerou a denúncia é que ele descobre que era “dependente” dela, quando a vê com um namorado novo.</p> <p>Ele não perpetra violência física, mas <u>durante a entrevista</u> se dá conta que, por excessos de cuidados típicos femininos (expressão dele) é autoritário. Diz ao final que essa foi uma grande descoberta em sua vida e sai da entrevista muito agradecido por isso.</p>
Homem 08	<p>- grupo de homens</p> <p>- denúncia da esposa por maus tratos</p>	<p>- Nenhuma</p> <p>- Traições constantes da esposa (desde o começo do casamento)</p> <p>- violências verbais e físicas da esposa</p>	<p>Conta detalhes de sua carreira prodigiosa como vendedor e representante comercial, de como ganhou dinheiro e prêmios e viu todo o seu dinheiro sendo gasto pela esposa. Diz que todos os acham “extraordinários”.</p> <p>Conta que sua esposa é “ninfomaniaca” e das muitas vezes que ela se envolveu sexualmente com outros homens, até na frente dos filhos. O pior escândalo foi com o pastor da igreja que frequentavam, quando ela dizia a todos que este era o homem de sua e o perseguia, sendo que logo foi internada num hospital psiquiátrico por isso.</p> <p>- Apoiar a ideia de que a família é indissolúvel, que deve cuidar da esposa até a morte, ameaçando os filhos de deixá-los sob a responsabilidade da mãe, o que detestam, se não a aceitarem de volta, como faz sempre.</p>
Homem 09	<p>- Pesquisadora assistiu sua audiência junto a delegada, e logo depois o convidou para a entrevista.</p> <p>- sua esposa o denunciou de estar constantemente bêbado e drogado, e daí causar confusões. Mas não é agressivo quando não está bêbado, por que ela também escalaria. Ela começa a parte pra cima. Na audiência ela ainda traz raivosa fotos de uma amante dele. Ele retruca dizendo que foi só uma vez.</p>	<p>- quando está bêbado repete os <u>xingamentos</u> que recebe de sua esposa e sogra. Insinua que reage as agressões físicas com agressões também quando está bêbado.</p> <p>- Sua esposa tem uma educação que fez com que use de muitas palavras de baixo calão. Ela começa as agressões físicas, em especial quando ele está bêbado. Na primeira vez acertou-lhe os órgãos genitais.</p>	<p>- Começa sua narrativa contando que veio do interior, de uma família que lhe deu uma boa educação, impondo limites (destacando horários e festas), muitas vezes através de surras que os deixavam doente por dias, mas sem ressentimento. Veio pra Manaus em busca de “liberdade” e logo (aos 19 anos) conheceu sua esposa, que o propôs casamento, o que só foi aceito mediante acordo de que ele continuaria usufruindo de bastante “liberdade”, como ir a festas.</p> <p>- Relata que sempre manteve relacionamentos extraconjugais, mas que ama somente a esposa. Ele sente inferior a ela no que tange a ética, porque ele a trai e ela não.</p> <p>- Consome álcool em grande quantidade, e relata o uso de entorpecentes como algo esporádico.</p> <p>- Fala que é ele quem dá mais atenção às filhas e se preocupa com elas, que vai às reuniões da escola, porque é considerado o que sabe conversar melhor.</p> <p>- Diz estar disposto a parar de beber se ela o aceitar de volta. Pergunto se estaria disposto a parar de se relacionar com outras mulheres, e ele responde que elas não são importantes para ele.</p>
Homem 10	<p>- Pesquisadora assistiu sua audiência junto a delegada, e logo depois o convidou para a entrevista.</p> <p>- Sua esposa o denunciou de violência física</p>	<p>- A última, foi um <u>tapa</u> na frente de uma escola, presenciado por outras pessoas. Conta ainda que sua sogra o adverte para ser mais brando ao falar com sua esposa.</p> <p>- a) Ela começa as agressões físicas, como pegar um facão e tentar acertá-lo. b) Ela ainda o trai, mas nega tudo sempre, mesmo que ele tenha provas, como ter visto pessoalmente, e ter conversado com o ex-namorado dela, provavelmente atual amante ou quase amante.</p>	<p>- Desde que nasceu é membro da Igreja Adventista, da qual hoje lidera e coordena trabalhos sociais nos momentos de folga.</p> <p>- Começa sua fala defendendo que é uma pessoa muito “centrada”. Que tem independência financeira e mora com a sogra a pedido dela, para ajudá-la, mas que tem sua casa própria. Declara veemente que sabe que está errado por ter batido em sua esposa.</p> <p>- Conta detalhadamente as provas que tem contra a sua mulher de que ela o trai, e sua frustração por ela não confessar e por saber que ela reclama dele ao ex-namorado. Além das prováveis traições, as brigas se dão em torno da falta de atenção que ela dá a ela, em especial no início do casamento.</p> <p>- Ao ser perguntado se tem amigos, responde que sua única e grande amiga é sua sogra, que lhe dá bons conselhos e tenta apaziguar as brigas do casal.</p> <p>- Conta que chama sua esposa de “feia”, querendo dizer bonita, por ter um sentimento de inferioridade em relação a ela, desde o namoro.</p> <p>- Ao final devolve-lhe minha impressão de que, por ser uma pessoa muito “centrada”, pode ter dificuldade de dialogar e entender o ponto de vista do outro, o que ele recebe bem, dizendo que vai tentar enxergar seu casamento a partir dos olhos de sua esposa.</p> <p>- Pergunta ainda se eu tenho consultório para ser atendido por mim.</p>

Homem 11	.Entrevista na cela da delegacia da mulher . sua ex esposa o denunciou de violência	. nenhuma (obs.: seu conceito de violência reduz-se ao observável: bater e xingar) - conta que sua esposa o traiu com uma semana de casamento e veio lhe contar. Conta que foi violentado sexualmente na infância (5 anos) pela prima e empregada doméstica	.Indica como ocupação ser missionário da Igreja de Deus desde o mês anterior a entrevista, quando retornou a sua religião da infância. Tem um discurso religioso forte, a ponto de dizer que Deus está ao seu lado e não do lado da delegada que o prendeu, na medida em que “quem está contra os servos de Deus está contra Deus”. .Outra identidade forte é o fato de fazer parte de um “movimento social” em defesa dos “mestiços e caboclos”. Diz que este grupo, nascido em 2006, é respeitado até em Brasília, que podem conseguir “até terras”. Usa muito a palavra “direitos”, diz que vai processar a delegada que o prendeu. É o único entrevistado que não se põe a falar livremente sobre si mesmo, me propõe fazer muitas perguntas para conhecê-lo. Faz-se silêncio várias vezes. Da infância ressalta o fato de ter sido violentado sexualmente. Da juventude, que foi traído pela sua primeira companheira, com quem morou 6 meses, fato que o traumatizou e fez com que começasse a “usar e jogar fora” todas as mulheres.. Pareceu-me muito imaturo, usando o discurso religioso para se sustentar emocionalmente. Diz que foi obrigado a se casar por cobranças da família dela, já que mantinham relações sexuais, mas como Deus sabe que ele não queria, não se sente responsável por isso. Diz que agora se voltou para a “verdade”. Neste caminho também tende a se tornar mais autoritário, porque diz que sua próxima esposa não vai trabalhar porque a Bíblia diz assim, e ela deve saber disso. Tive dificuldade de investigar mais profundamente seus atos. Nega até que tenha levantado a voz pra delegada. Diz só que não dava pra ficar calado diante das mentiras da ex esposa. Não consegue explorar quais motivos a ex esposa teria para o denunciar.
Homem 12	.1º. contato na cela de uma Delegacia geral, entrevista na Cadeia Pública. . Pessoas na rua o viram batendo em sua parceira e chamaram a polícia. Parceira diz (nos autos do flagrante) que sempre apanhou dele.	- a) 5 assassinatos (uns, pelo menos, de conhecidos, após briga). b) Violência física contra todas as suas ex-parceiras, inclusive a 1º. com quem casou. C) Quebrou as pernas de colegas de rua enquanto dormiam - a) Nunca recebeu atenção dos pais. Sua mãe o deixou ir morar na rua aos 7 anos.b) Dos policiais, e de quase todos os profissionais que lidaram com ele enquanto menino de rua, menos uma assistente social.c) Do Estado que pagava pouco, num projeto para meninos de rua depois dos 18 anos.	. Morou com os avós no interior até aos 7 anos, depois veio para Manaus e virou, sob a responsabilidade da mãe, menino de rua até aos 18 anos, quando recebeu uma bolsa do Estado, num projeto para ex-meninos de Rua, e casou-se montando sua primeira casinha. . Define-se como vítima (da mãe e da sociedade em geral) e “capeta” ao mesmo tempo. Se define como controlado pelo Diabo, e, outras vezes, como tendo um problema na cabeça, porque na raiva bate nos outros. Exemplo, na cela agora começa a bater nos outros por nada. Define sua mãe como capeta também. . Não acha que é violência furtar pouco dinheiro de pessoas, só é violência os grandes roubos. . Diz que é evangélico, como sua mãe, desde criança. Varias falas dele se remetem a textos bíblicos, como não adulterar, não ser homossexual, que o marido deve trabalhar e a esposa cuidar da casa. . Conta que um pastor nestes últimos dias lhe propôs que aprendesse a perdoar. Ele se comove mas depois fala que pretende acabar com a vida de sua parceira que lhe botou na cela. . Diz que só quer liberdade, e ter uma geladeira e fogão. . Quer/exige que sua mãe assume seus filhos, para que não aconteça com eles o que aconteceu com ele. Quer tira na justiça seus filhos de sua última parceira porque ela é traficante de drogas. .O que lhe faz bem, lhe traz paz, é querer se modificar para cuidar dos filhos.
Homem 13	Psicóloga da Cadeia Pública o indica como um recém preso pela segunda vez. (estava em liberdade condicional, após cumprir pena por ter assassinado sua esposa e agora foi preso em pelos jornais de tentativa?) estupro, embora conte que acusaram de roubo. Entrevista na sala da psicóloga.	Assassinato da esposa por volta de 10 anos atrás mas nem toca no assunto de estupro diz estar sendo vítima de uma armadilha contra ele, feita pelo pai da moça com quem namorava Este o acusa de roubo e montou um flagrante no qual ele reagiu batendo em homens que queriam pegar seus instrumentos	A entrevista foi realizada em parceria com um aluno homem (mas este quase não falou na entrevista). .Assume sem problemas o assassinato da esposa. .O assunto que lhe preocupa é a prisão atual. Estava revoltado. Conta que estava nos últimos meses de sua “condicional”, e que depois estaria sem dívidas com a justiça. .Agora diz que frequenta uma igreja evangélica e é instrumentista lá. Não é questionado sobre a acusação de estupro, nem comenta do assunto.
Homem 14	Psicóloga da Cadeia Pública indica como um preso antigo, que exhibe comportamento tranquilo. Foi condenado de ter assassinado sua namorada, mas nega. Entrevista na sala da psicóloga.	. nenhuma . traições da ex-namorada	A psicóloga disse que ao entrevistá-lo ele obteve provas de que ele realmente cometeu o crime: ele primeiro negou como fez comigo. Mas depois ela lhe perguntou: “como tudo (o crime) aconteceu?” Durante uma briga sobre outros namoros dela a mulher foi sendo abraçada, apertada no pescoço e, sem querer, estrangulada. A psicóloga então pergunta “como você sabe de tantos detalhes?”. Ele diz que no laudo tem, mas não sabe ler nem tem advogado particular. Na entrevista nega veementemente e calmamente o crime. Fala bastante sobre outros aspectos da sua vida conjugal ou de namoro com mulheres. Conta seus dilemas com a assassinada e o fato de ela ter outro namorado também.

A partir do tratamento inicial, emergiram categorias de análise abrangendo aspectos gerais manifestados pelos sujeitos, referindo-se as histórias de vida, relacionamentos, redes de apoio, questões referentes a gênero e violência.

1. Conhecendo o ontem para compreender o contexto: Analisando a história de vida dos homens tidos como autores de violência conjugal

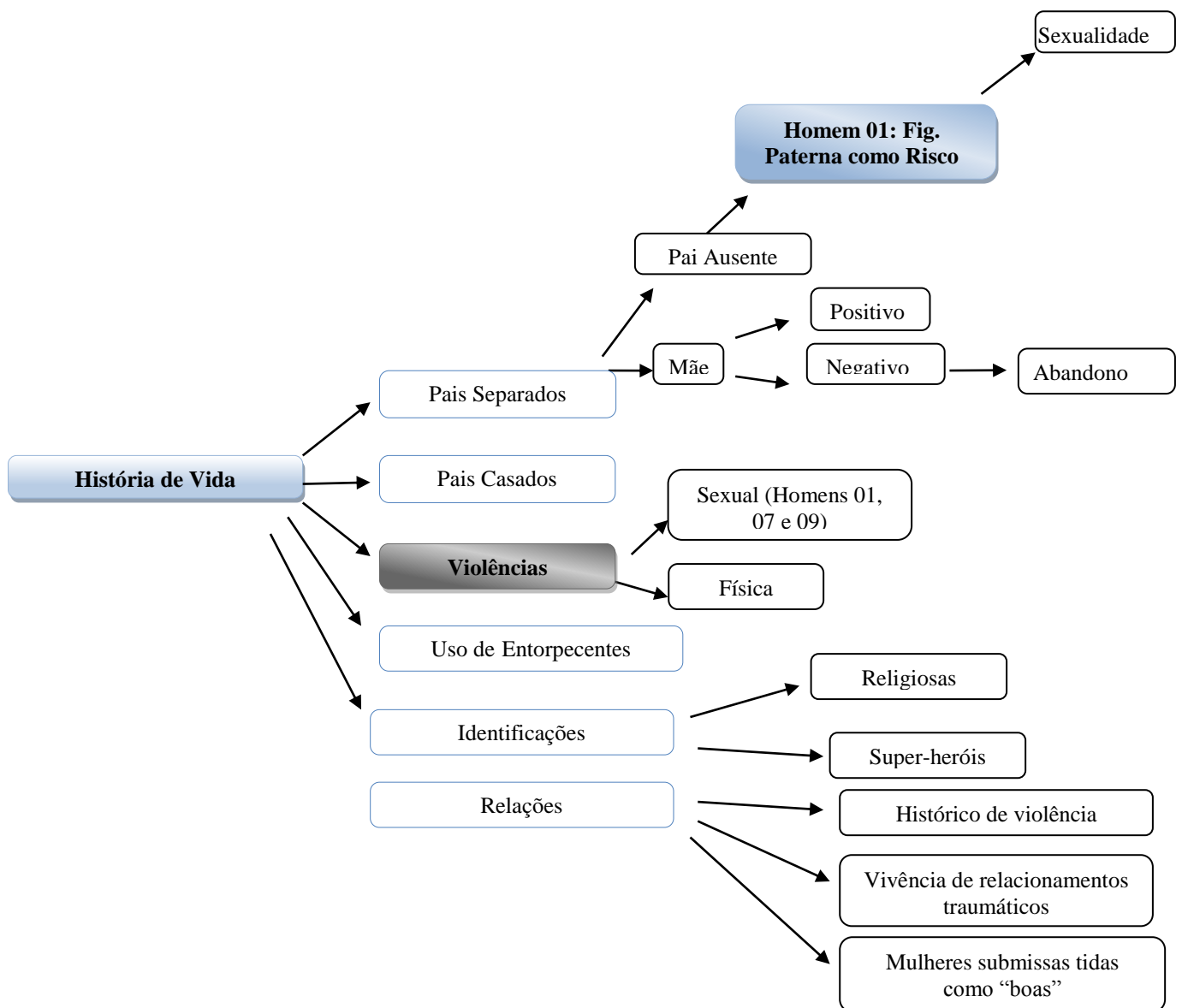


Fig 01: Categoria História de Vida

A princípio, destaca-se a compreensão desta equipe sobre o conceito de “História de Vida”, o qual foi entendido como as manifestações dos sujeitos sobre suas vivências, infância, adolescência, relacionamentos e identificações pessoais. Referindo-se ao período de infância/adolescência, foi verbalizado com frequência episódios de separação conjugal dos genitores dos entrevistados, sendo destacado ainda, a percepção da ausência de citação quanto a uma das figuras parentais ao longo da narrativa analisada, ou ainda, a menção da ausência de uma das figuras ao longo do desenvolvimento biopsicossocial.

mas o meu pai também foi ausente porque ele nunca foi aquele pai de estar com o filho, de estar orientando, eu também não tive essa orientação, todo a orientação que eu tive até hoje foi de... de vivências, né?

Homem 01

.... devido a alguns problemas que meu pai era alcoólatra, mas para ele ter se tornado alcoólatra, com certeza ele teve os motivos dele, mas é porque quando meus parentes, minhas tias, após a minha mãe ter falecido, é... foi muita tristeza, minhas tias, falaram que meu pai tinha sido uma pessoa boa, mas por alguma coisa que aconteceu na família fez com que ele se tornasse a pessoa que ele é, e... minha mãe também não era boa, meu pai era uma pessoa boa, mas minha mãe era às vezes... usando o termo da palavra, escrota, mesmo, como meu pai, então, meu pai... se tornou o que ele era....

E – Eu posso te perguntar, por que que ela....

H2 – Eu não sei! Eu não sei! A minha mãe ela era, era... muito má com meu pai às vezes....

E – Você imagina o que?

H2 – Não sei! Não tenho idéia! Mas pelo que eu entendi, meu pai teve todos os defeitos que ele teve né? mas ele foi uma pessoa boa, né? meu pai, por algum motivo se perdeu na bebida, mas ele era bom. Eu também convivo com isso, mas graças a Deus, eu....

E – Você falou que ele foi ausente..

H2 – É, foi... ausente assim, né?

E – Ausente assim, mas ele morava em casa?

Destaca-se como comum as falas dos entrevistados, o uso de substâncias psicoativas, as quais foram indicadas como ferramentas promotoras de um desenvolvimento das relações sociais,

sendo citado inclusive, como parte significativa do arranjo conjugal vivenciado, sendo mencionado o uso de entorpecentes na companhia/com o estímulo das companheiras

para mim o viciado é aquele tipo de pessoa que tem a pré-disposição pra, pro vício, porque o corpo, o organismo pede, depois que experimenta a primeira vez, se torna dependente. E eu nunca fui uma pessoa dependente. Fui dependente do vício de estar ali com aquele pessoal, não da droga, e, talvez, como todo mundo quer fazer parte de uma tribo, né? para não se sentir isolado, então, às vezes por falta de opinião, por falta de personalidade, eu resolvi usar, para dizer, não!

Homem 02

como eu te falei, a gente usa droga junto, né? como eu te falei, coisa que quando vejo, faço com ela, quando eu vejo, já estou fazendo com ela...

E – Com a atual?

H3 – Com a atual! Com a primeira eu usava, mas não com ela, usava esporadicamente, com um amigo, uma vez aqui, depois um ano, de novo, com a atual, não bebia nem fumava, entendeu? com essa, desde o começo já foi, porque eu usava, ela também usava... eu não se nessa obsessiva aí, ta a droga no meio, né?

E – Mas o que você usava?

H3 – Pasta né? pasta base de cocaína, fuma né? sou fumante, quer dizer, uma coisa que estou tentando sair, eu passo três semanas sem fazer, lá eu faço. Com ela! Ou ela me chama pra beber, a porta de entrada é a cerveja, né? ou então eu mesmo chamo, uma outra coisa, eu não sei se ta aí, o problema, eu não sei se ta aí, eu não sei....

Homem 04

Outro ponto de destaque refere-se ao histórico de relacionamentos amorosos citados pelos homens, os quais, em determinados momentos, citam uma “companheira ideal”, a qual, possuiria características correspondentes aos papéis femininos previstos por uma sociedade patriarcal, sendo descrito como ideal características de submissão aos desejos masculinos, sendo considerado o contraposto como algo negativo.

Por exemplo, minha primeira mulher, a minha primeira mulher, se vestia da maneira que eu queria, só saía para onde eu queria, só saía com quem eu queria, entendeu? ela não fazia nada além do que tivesse vontade, só a minha vontade, por que? Porque eu achava que o homem, o homem que trabalhava, sustentava todo mundo e eu achava, eu achava que aquilo era certo, e eu podia dar as cartas, podia mandar e desmandar, fazer tudo o que eu quisesse, todo mundo tinha que fazer o que eu quisesse, principalmente mulher e filho, ela não trabalhava, só eu que trabalhava e eu achava que eu que tinha que dar as coordenadas, tinha que fazer tudo do meu jeito [...]minha primeira mulher, né? minha primeira mulher era um excelente mulher, não é porque eu perdi que agora vou chegar e dizer: “Não! Ele só ta falando isso!”, não! Ela era... aliás, todas foram bacanas comigo. Eu que não fiz por onde merecer, eu.

Homem 04

Eu já havia sido amigado e com a ex-mulher eu comi o “pão que o diabo amassou” na mão dela. Na minha frente, ela dizia que me amava, me desejava, que eu era tudo na vida dela, mais por trás ela me traía com todo mundo. Eu fazia tudo que ela queria, dava amor, atenção, carinho, não deixava faltar as coisas em casa, e por trás ninguém me dizia que ela me traía, ninguém queria me contar o que ela fazia. E por causa dela eu quase fico louco, quase me mato, era afixionado por ela.[...] Eu quase eloqueci, teve uma vez que minha mãe chegou para me visitar, e eu estava em estado de choque, eu ouvia minha mãe falar mais não consegui nem me mexer, só conseguia chorar. Desde esse dia eu nunca mais confiei em nenhuma outra mulher, [...] como eu lhe falei no começo, na minha frente ela dizia que me amava, me desejava, que eu era tudo na vida dela, da mesma forma que eu a tratava, ela também me tratava, me beijava sempre, fazia carinho, mais por trás ela era igual as atrizes da globo, finjia muito bem. Por isso, depois que terminamos eu aprendi a ser igual a ela.

E: O que você fez para ser igual e ela?

H11: Eu enganava todas as mulheres, eu usava, abusava e depois jogava fora, pois não confiava em nenhuma mulher mais. E por isso nunca mais prometi fidelidade a nenhuma mulher.

Homem 11

Por fim, emergem as identificações do sujeito, sendo evidenciado a citação da figura de personagens fictícios como modelo de características pessoais, descrevendo os personagens em suas dimensões humanas, ‘normais’, mas também associado a um poder superior, já que associam as características, tanto positivas quanto negativas do protagonista a si, apropriando-se das questões e percepções da figura de ficção.

É... às vezes eu tenho uma força de vontade muito grande, mas às vezes, me bate esse medo, é um medo assim que não tem explicação, sabe? É como (longo silêncio), não sei, não sei o que é! Como a pessoa se torna tão frágil? Entende? Sério! Eu era antes, poxa, eu me sentia, né? eu, eu, eu criei um alter-ego pra mim, né? uma época, né? na verdade eu sempre tive ele como alter-ego, né? que era a figura do, a figura do Batman, né? (risos) e outras figuras, né? tem o John Constantine, também, que vive, vive com pouco, mas ele é um mago, né? ele é uma figura muito misteriosa, e eu acho legal, porque na vida dele, né? ele não tem pretensões heróicas, né? vive assim como, ele é um andarilho, o John Constantine, e o Batman não, o Batman é todo articulado, é playboy e tal tem todo um jogo de engenhocas pra lidar com o crime e o John Constantine não! Ele é uma pessoa comum que sai se virando, só que ele mexe com magia, e ele mexe com o sobrenatural e as histórias dele são muito interessantes porque ele vai do grotesco ao romântico. [...] Assim, enérgico e saía da lama como John Constantine, não literalmente saía da lama mas eu digo assim, porque ele passou uns maus-bocados, né? mas é uma pessoa comum, exceto por essa habilidade, por mexer com magia e tal, ele, o torna um anti-herói, né? porque ele não tem, não tem, isso como vicissitude, né? mas ele ajuda muito as pessoas, só que o chato é que como ele está envolvido com magia então, né? então ele é perseguido por demônios, entende?

Homem 01

Contudo, apesar da menção a figura de super-heróis do imaginário masculino (Super-Homem, Batman), não se observa a citação de personagens femininos na identificação de gênero.

Um tipo de identificação realizada bastante significativa, tendo em vista os objetivos da presente pesquisa é a associada a figuras religiosas, onde “ser de Deus” ou “ser de igreja” atua nas falas dos sujeitos como adjetivos, normatizando comportamentos tidos como ideais aos que congregam nestas determinadas crenças.

E: E agora se você casa-se novamente a esposa poderia trabalhar?

H11: Não!, pois ela tem que ter consciência do que está escrito na bíblia, se ela é da igreja tem de seguir o que está na palavra de Deus, ela deveria fazer isso, pois tem pastor para ensina-la, o pastor dever cuidar das suas ovelhas.

Homem 11

2. De quem pedir ajuda? As redes de apoio dos homens tidos como autores de violência conjugal

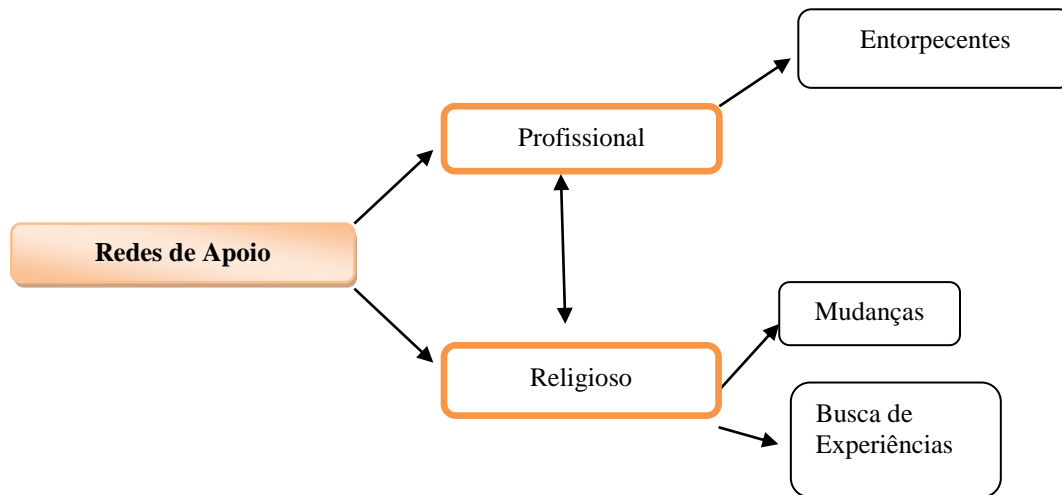


Fig. 02: Categoria Rede de Apoio.

Compreendemos o conceito de rede de apoio como recursos utilizados (ou buscados) pelos sujeitos, objetivando suporte psicossocial, acolhimento as suas demandas ou ainda, onde é identificado pelo sujeito como um possível promotor de novos comportamentos. De forma geral, os homens manifestaram como possíveis redes de apoio dois grandes grupos de pessoas: profissionais (médicos, psicólogos, psiquiatras, citando-se ainda a pesquisadora), e entidades religiosas (Deus, figuras de autoridade religiosa).

Eu quero que a senhora me aconselhe consiga absorver bastante de mim pra que num futuro não muito distante eu consiga encontrar isso, eu consiga encontrar uma resposta plausível pro, como lidar com esses conflitos pra mim

Homem 01

Eu não tinha motivação pra nada, não tava trabalhando, né? só vivia reclamando, só ia na igreja, com vontade de conhecer Deus, ver se me ajudava, chegava, me aconselhava, depois saía do mesmo jeito, com o mesmo problema, reclamando, chorando, aí... eu tava naquele mal costume, de, de não enfrentar as coisas sozinho, às vezes eu saía ajudando as comunidades, me levavam, pra fazer alguma coisa e tal, é, é... tentar né? ocupar minha mente, tentar me ocupar, só que eu não conseguia isso... do desânimo, do desânimo, né? [...]

No momento em que eu procurei uma igreja evangélica, eu posso dizer que eu estava procurando uma ajuda, mas....

E – Para que? Desculpa, te interrompi! Ajuda em relação a que?

H2 – Boa pergunta! Quando eu entrei na igreja evangélica, eu achei que Deus iria me dar tudo aquilo que eu havia perdido.

E – O que?

H2 – A garota. E descobri que não é assim, entende?

E – Por que você achou que Deus iria te devolver a garota?

H2 – Porque eu achava assim, que eu sendo fiel a ele, eu fazendo tudo certinho, né? Ele ia me devolver.

Homem 02

E: Você já se viu em uma situação na qual você esta com problema e pediu ajuda?

H11: Somente de Deus, é só pedir e acreditar nele com fé que tudo ele dá um jeito, para ele nada é impossível. Até Moisés abriu o mar vermelho para o povo de Israel passar.

Homem 11

Destaca-se que para alguns homens, o papel desempenhado tanto pelas figuras profissionais quanto pelas religiosas, equiparam-se, sugerindo que o apoio em si possui a função organizadora, independente do âmbito de sua ação ou dimensão, se espiritual, se da saúde, dentre outras possíveis. Esta ideia remete à força do papel de sustentação que a rede social religiosa pode cumprir, semelhante ao atendimento profissional.

3. “*Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro*” – Os posicionamentos quanto à gênero de homens autores de violência conjugal

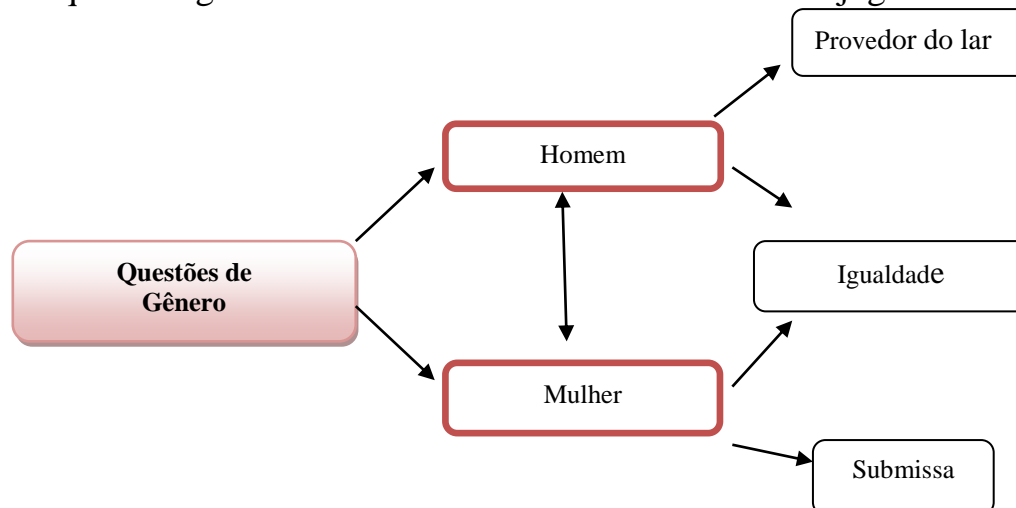


Fig. 03: Categoria Gênero e violência conjugal.

As falas dos entrevistados apontavam posturas contraditórias quanto as questões de gênero. Observou-se que de forma geral, é possível apresentar uma visão de igualdade entre os papéis masculinos e femininos nos relacionamentos conjugais, ainda que haja destaque às características de “provedor” como essencialmente masculinas, e de “submissão” como essencialmente feminina. Destaque é dado também no que concerne à traição. Neste item, ressalta-se que nas falas dos homens, pode ser observada clara dicotomia na concepção dos papéis conjugais. Apesar de afirmarem de início uma igualdade entre os papéis de homem e mulher num relacionamento, quando questionados, diferenciam os direitos e deveres das figuras conjugais.

E – Você acha, é, que o homem pode trair a mulher?

H3 – Olha, na verdade não é certo, mas eu não me sinto culpado por isso, se você for ver não é certo, né? não é certo, né? não pode! Não é certo! mas não me dá culpa por causa disso!

E – E se ela trair?

H3 – Aí me sinto totalmente... acho ela a pior pessoa do mundo! Acho ela a pessoa mais leviana do mundo, assim, totalmente, agredido com isso, pra ser bem sincero com você.

E – Você acha que isso é em função de você ser homem e ela ser mulher?

H3 – Não se te falar se é isso! Pode ser! Já pensei também nisso, mas mas eu não sei se é...

E – Tipo assim, você coloca diferente que o homem pode, a mulher não pode...

H3 – Não!

E – Não tem isso?

H3 – Não! Eu até acho que, eu tenho uma imagem assim que a mulher ela tem mais pudor, ela tem mais respeito consigo mesmo, eu tinha uma imagem que a mulher, ela, pra ela chegar a ter relação com um homem, ela, ela sente alguma coisa, entendeu? é uma coisa já especial pra ela, eu acho que... eu tinha até essa imagem, mas eu vejo que não é bem assim, e que o homem não! Entendeu?

Homem 03

4. “Agora eu pertencço a Deus”: A religiosidade como elemento significativo nas falas dos entrevistados

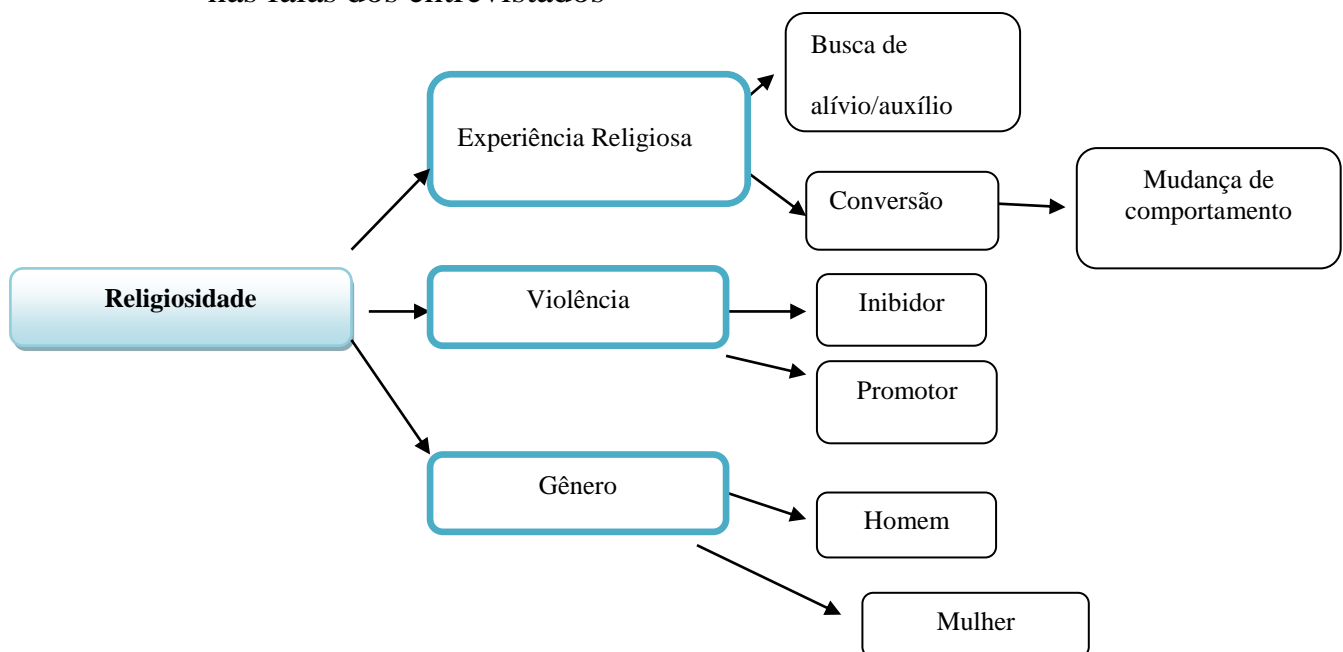


Fig. 04: Categoria Religiosidade.

Como já mencionado, as entrevistas originalmente não objetivaram a investigação de conteúdos referentes à religiosidade. Contudo, os mesmos emergiram de forma voluntária nas falas dos homens tidos como autores de violência conjugal, sendo destacado três grandes grupos de

manifestações: referente as experiências religiosas vivenciadas, religiosidade e a violência cometida e, por fim, religiosidade associada a construções de gênero.

Quanto às experiências religiosas, destaca-se que tais vivências visam a obtenção de auxílio, alívio ou conforto diante de uma situação compreendida como problemática, sendo citado como exemplo o auxílio a retomada do relacionamento conjugal após desentendimentos. Outro ponto de destaque está na menção as experiências de conversão, as quais são entendidas como transformadoras, potencializadoras de uma mudança de comportamento, da formação de um novo *ethos* religioso.

Na verdade, eu conheci a Deus, eu já vim pra Deus, depois da dor, de preso, e cometi não só um crime, mas vários crimes. É isso que eu falei pra senhora. Eu não vou contar coisa passada, coisas que eu fiz, não. Eu errei. Certo? Mas eu paguei pelos crimes que eu fiz, e me arrependi disso, né? Fiz um voto com Deus, é, de fazer a vontade dele, e daí por diante, tenho trabalhado né? no ministério, estou congregando, estava congregando lá perto de casa, na Igreja Assembléia, a minha função lá era como ministro de Deus, onde toco e canto, violão, inclusive tenho algumas composições próprias, tava até trabalhando pra isso, com gravação, mas eu acredito que isso não é o fim

Homem 13

O homem citado como exemplo, conforme manifesta sua fala, verbaliza o desejo de retomar a convivência conjugal, buscando o auxílio de vivências religiosas, as quais auxiliam (ou são entendidas como ferramentas de apoio) na compreensão da outra figura parental. Quanto às experiências religiosas, estas desempenham o papel de provimento de auxílio, alívio ou conforto diante de uma situação conflituosa.

Várias (igrejas) evangélicas, já fui até em terreiro de macumba, já fui na SEICHONO-IE, que é uma filosofia japonesa, já fui no Centro Espírita, já fui nos caras, no espiritismo, "Por que qu e eu sou assim? Por que que eu sinto isso? Perturbação na

mente, essa taquicardia, ciúme, e vai atrás!”, várias, eu já procurei ajuda várias vezes, Psicólogo, no caso, eu fui lá, pra você ver, li, fui lá!

E – Ficou guardando um ano...

H3 – Isso! Exatamente! Esse é o meu maior problema, sentimento aí!

E – E o que que você recebeu, assim, em troca?

H3 – Olha! Eu tou com muita teoria na minha cabeça! Só o que eu ainda não consegui foi colocar em prática!

E – Certo! Só pra eu ter uma idéia, quando você fala em prática...

H3 – Seguir Jesus, né? entregar a vida pra Deus, com o tempo eu vou encontrar alguém legal na igreja, vou me equilibrar, isso vai passar, que eu tenho que, só depende de mim, eu tenho que ter força pra dizer não!

Homem 03

Percebe-se nas manifestações do entrevistado 03 que, além de auxílio e conforto, a busca de vivências de experiências religiosas visa uma resignificação dos sentidos dados a determinados eventos, e como promotor das interações sociais.

Destaca-se na citação utilizada "*vou encontrar alguém legal na igreja*", referindo-se a futuros relacionamentos com mulheres possivelmente frequentadoras de suas congregações religiosas.

Segundo a bíblia o homem é o cabeça da família, então ele tem que dar um bom exemplo, trabalhador, viver para Deus e cuidar de sua família, né? dar carinho à sua esposa, seus filhos, viver honestamente.

E – Certo! E a mulher? Qual o papel da mulher?

H13 – O papel da mulher também, né?

E – Também o que?

H13 – Uma mulher mansa, tranquila, uma mulher evangélica, que goste de ir à igreja, e temer a Deus, né?

Homem 13

Observa-se que, ao referir-se as características femininas ideais, cita-se "mansa" e "tranquila", sendo entendido o papel feminino como de subserviência aos comandos masculinos, considerando-se como ideal a mulher casta e contida em seus impulsos.

E: Qual é o papel de um homem e uma mulher na família?

H11: Na bíblia esta escrito que a mulher sábia cuida da casa e da família e o homem cuida do sustento da casa.

Homem 11

Outra característica destacada refere-se a experiência de conversão religiosa, a qual é entendida como o "encontro" com uma divindade religiosa, que promove a mudança de comportamentos; o que pode vir a promover uma mudança de *ethos*. Compreendemos o *ethos* como a “morada” do olhar do sujeito para um determinado tema. Neste sentido, o processo de conversão resignificaria as experiências do sujeito, neste caso, seus conceitos sobre violência e papéis de gênero no relacionamento.

Então eu entreguei na mão de Deus, e eu acredito que Deus é de justiça, ele deve fazer justiça, e que ele deve me tirar muito rápido desse lugar pra só aumentar o testemunho, que nem pela dor, nem isso, nem a morte pode me separar dos caminhos dele. É isso que eu tenho pra falar pra você, porque está escrito na Bíblia, e isso me conforta é a palavra. Eu jamais penso em vingança, entendeu? De voltar e acertar com ele as contas. Entreguei na mão de Deus. [...] Jesus disse assim, que Ele é o caminho, a verdade e a vida, e Ele diz: “-Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá”, João 3:32, Evangelho de João, ele diz assim: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho Unigênito para que todo que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”. Então, Jesus morreu por nós. E nós vemos agora que Ele pagou um preço muito alto, e diz mais, e disse, a Bíblia diz que o sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado, seja qualquer pecado, abominação que o homem tenha feito. Se arrepender para Deus, parou de pecar, o Senhor Deus perdoa, e ele escreve o nome da pessoa lá no céu, e essa pessoa passa a ser guardada por Ele. Por isso que não temas, estando em Deus, sobrevive. Porque eu sei que Deus está mesmo em mim, e que Ele me enviou aqui pra missão, e eu vou completar essa missão, mesmo que eu sofra ameaça, alguma coisa, mas eu sei que ele não vai permitir isso.

Homem 13

A segunda grande categoria refere-se as questões da religiosidade associadas diretamente com as violências cometidas. Percebe-se que nestas associações, a questão religiosa pode atuar como uma ferramenta promotora ou inibidora de violência. Conforme a citação anterior, podemos observar que após o processo de conversão, o sujeito, ao mudar seu olhar, opta por não mais ser violento. Entretanto, ao se pensar na religiosidade como promotora da violência (e neste caso

específico, referimo-nos apenas a agressões físicas), observa-se a menção de um rompante violento, que pode ser entendido como um estado transcendental, onde o sujeito, diante da vivência religiosa, perderia o autocontrole e cometeria um ato violento.

E – Você chegava a imaginar antes, uma cena, você machucando ela...

H13 – Não! Não, na verdade eu não queria. Eu acredito que isso aí é uma coisa que poucas pessoas entendem que eu fui movido por um espírito maligno, a qual eu não servia a Deus, como eu falei, então aquilo ali era um espírito que tava dentro de mim, um espírito mal mesmo, e aconteceu isso, tipo a pessoa apagar a visão, pegar um ferro, alguma coisa, e machucar a pessoa, ferir até matar, hoje, só hoje eu compreendo que foi isso que aconteceu comigo, né? na época, porque hoje Deus tirou isso e hoje eu faço a vontade de Deus, hoje, como aconteceu isso comigo, eu nem reagi, né? veio quatro pessoas, apenas tentei me proteger, nisso caiu no bueiro e feriu a cabeça do rapaz.

Homem 13

Remetendo a fala destacada, o sujeito descreve como ocorreu sua vivência de violência com sua primeira companheira, o qual menciona ser seu primeiro (e único) episódio violento, e conforme evidenciado, teria ocorrido pela influência de um “espírito maligno”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história de vida dos sujeitos cujas falas foram analisadas no presente estudo, verificou-se que o discurso religioso se articula de duas formas fundamentais ao ato violento produzido por eles: como promotor ou inibidor de tal ação. Como promotora, uma vivência religiosa, assim, poderia justificar ou desencadear um rompante violento, expresso sob forma de violência física. Todavia, não é apenas a violência física que seria sustentada ou promovida pelo discurso religioso. Violências de gênero, atribuindo lugares restritos à mulher na relação, também são justificadas por discursos de cunho religioso. Como inibidor da violência, o discurso religioso relata que o sentido de violência foi modificado pela experiência da conversão. Contudo, nenhum sujeito justificou diretamente a realização do ato violento através dos discursos ou a experiência religiosa.

A mudança do sentido da violência não é referido apenas no âmbito das relações conjugais. A conversão teria, portanto, o poder de instaurar um novo modo de ser e estar no mundo, na relação com outras pessoas. O “novo eu”, restaurado pela conversão religiosa, teria, pois novos modos de lidar com os impulsos agressivos, minimizando ou eliminando-os, sob justificativa da transformação espiritual. Este aspecto vincula-se ao objetivo parcial que pretendia, para além da discussão de gênero, verificar se os discursos ou vivências religiosas incidiam na transformação do sujeito como autor de atos violentos.

Em relação ao objetivo específico que propõe o levantamento de hipóteses sobre como o discurso religioso ajuda a promover uma identificação de gênero por parte dos homens dentro de seu arranjo conjugal e articulação desta com a violência conjugal, foi possível identificar que as falas sugerem lugares definidos para homem e mulher. Estes lugares se coadunam com premissas religiosas, em que a concepção do homem atrela-se a chefe da família e provedor do lar, enquanto a concepção de mulher remete à submissão ao homem.

Um dos objetivos propostos visava suscitar novos questionamentos que sugerissem a relação entre religião e a promoção ou combate da violência conjugal por homens. Neste sentido, as inquietações levantadas ao longo da análise do material permitiu a formulação das seguintes perguntas:

- Como vivências violentas durante o desenvolvimento biopsicossocial, sobretudo na infância, podem implicar na prática de violência conjugal na vida adulta?
- Como o discurso religioso pode influenciar o comportamento machista e como pode significar masculinidades e feminilidades?
- Poderia o auxílio profissional equiparar-se ao apoio percebido pelos sujeitos quando auxiliados pelas instituições religiosas ou pelo que as vivências religiosas proporcionam?
- A ausência de referencial feminino positivo vincula-se ao histórico de homens autores de violência conjugal?

Dentre as inquietações emergentes ao longo deste estudo, um dos pontos de destaque é a carência de pesquisas que envolvam ou que busquem compreender a ótica masculina nestes arranjos relacionais disfuncionais. Compreendemos que ao analisar historicamente, a mulher foi subjulgada por sua condição de gênero e que apenas recentemente as feminilidades passaram a ser discutidas, analisadas e valorizadas. Contudo, para que se construa um relacionamento violento, é necessário duas partes, homem e mulher, portanto, analisar a questão valendo-se apenas de um ponto de vista empobrece a compreensão de uma questão que envolve dimensões complexas e que, por isso, necessita ser abarcada ao máximo em sua amplitude de implicações.

Distante de haver esgotado o tema e suas relações no presente estudo, acredita-se na possibilidade do mesmo remeter a novas investigações que tragam maior qualidade e compreensão da complexa relação entre discursos e vivências religiosas na produção de um *ethos*, que comporte ou rejeite a produção da violência nas relações de gênero.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. L. B.; Diniz, N. M. F.. **“Eu digo não, ela diz sim”**: A violência conjugal no discurso masculino. Rev. Bras. Enferm. Brasília, 2005.

ANGELIM, F. **Construindo novos discursos sobre a violência doméstica: uma articulação entre a psicologia clínica e a justiça**. Brasília, 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

ARAÚJO, M. F. **Gênero e Violência**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

ÁVILA, A.. **Para conhecer a Psicologia da Religião**. São Paulo: Loyola, 2007.

BICALHO, E.. **A nódoa da misoginia na naturalização da violência de gênero: mulheres pentecostais e carismáticas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia. Universidade Católica de Goiás, Goiania.

BOURDIEU, P. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. **Promulga o Código Penal**. Diário Oficial da República Federativa dos Estados Unidos do Brazil. Rio de Janeiro, 11 de out 1890.

BRASIL. Decreto n. 11340 de 07 de agosto de 2006. **Lei “Maria da Penha”** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 07 de ago 2006.

BRITO, L. M. T. **Temas de Psicologia Jurídica**, Rio de Janeiro, 3. ed. Relume Dumara, 2002.

BUSTOS, D. M. Perigo... amor a vista! Dramas e psicodrama de casais. In: Gomes, N. P; FREIRE, N. M. **Vivência da Violência Familiar: homens que violentam suas companheiras**. Rev. Bra. Enfermagem, 2005.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R.. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis, 679-684, 2006.

CARONE, D.A.; BARONE, D.F. **A social cognitive perspective on religious belief: their functions and impact on coping and psychotherapy**. IN: PERES, J.F.P. Espiritualidade, religiosidade e psicoerapia. Rev. Psiq. Clin. São Paulo, 2007.

CAROZZI, M. J. & FRIGERIO, A.. 1997. “**Não se nasce batuqueiro: a conversão às religiões afro-brasileiras em Buenos Aires.**” *Religião & Sociedade*, 18(1):71-94.

COUTO, M. T.. **Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição do ethos masculinos e femininos.** *Anthropológicas*. Recife, 2002.

COUTO, M. T. **Gênero, família e pertencimento religioso na definição de ethos masculinos e femininos.** *Antropologicas*, 2002.

DINIZ, N. M. F. **Mulher, saúde e violência: o espaço público e o privado.** *Rev Mundo* aúde1999 mar-abr; 23(2): 106-12.

GENESIS IN: **A Bíblia: tradução ecumênica.** São Paulo: Paulinas, 2002.

GOMES, N. P; FREIRE, N. M. **Vivência da Violência Familiar: homens que violentam suas companheiras.** *Rev. Bra. Enfermagem*, 2005.

GROENINGA, G.; DIAS, M.B. **A família além dos mitos**. Nelo horizonte: Del Rey, 2008.

GUIMARÃES, F. **“Mas ele diz que me ama”**: Impactos da história de uma vítima na vivência de vivência conjugal entre outras mulheres. Brasília, 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

LISBÔA, M. R. A.. **Re-significando masculinidades: uma reflexão sobre a relação gênero/religião (resumo)**. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 4: Cultura, Política e Sexualidade no século XXI. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, SC. 23 a 26 de maio de 2000.

MACHADO, M. D.. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar** Campinas: Autores associados, .Resenha de: Contins M. Religião, gênero e família. Rev Estud. Fem. 1996.

MACHADO, M. D. & MARIZ, C... **“Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos.”** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1997.

MALUF, S. W.. **Gênero e religiosidade: duas teorias de gênero em cosmologias e experiências religiosas no Brasil**. Porto Alegre, 2005.

MARREGA, M.F. ; BRUNS, M. A. T. . **Super-Homem e a mudança da história: um estudo sobre papéis de gênero**. In: Cunha,M.; Pasian,S.R.;Romanelli,G.. (Org.). Pesquisas em Psicologia:múltiplas abordagens. 1ª ed. São Paulo: Editora Vetor, 2009, v. 1º, p. 83-96.

MARIZ, C. L. & MACHADO, M. D. C.. **“Pentecostalismo e a redefinição do feminino.”** Religião e Sociedade, 1994.

MARTIN- BARÓ, I. Psicologia da Liberación. Colección estructuras y Procesos. Série Pensamiento, Psicopatologia y Psiquiatria. Editora Trotta, S.A, Madrid, 1998. IN: BARÓ, I. M.. **Del Opio Religioso A La Fe Libertadora**.

MINAYO, C. S. **Violência e Saúde pública na produção intelectual brasileira** IN: ALVES, S. L. B.; Diniz, N. M. F.. **“Eu digo não, ela diz sim”:** A violência conjugal no discurso masculino. Rev. Bras. Enferm. Brasília, 2005.

NEGRÃO, T. **Prefácio**. IN: Grossi, P.; Werba, G. Violências de gênero: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EPIDUCRS, 2001.

OLIVEIRA, K. L. C. **Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro: sobre violências conjugais contemporâneas.** São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004

PERES, J.F.P. **Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia.** Rev. Psiq. Clin. São Paulo, 2007.

PRIORE, M. del. **Histórias Intimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** 1.ed. Planeta, São Paulo, 2011.

RODRIGUES, C.C.L. **Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo** s.ed. s.d.

SOARES, B. M. **Mulheres invisíveis: violência conjugal e novas políticas de segurança.** Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira; 1999.

TIMÓTEO I IN: **A Bíblia: tradução ecumênica.** São Paulo: Paulinas, 2002.

CRONOGRAMA

